

# The Loneliness of the Long Distance Runner

um filme de Tony Richardson

Argumento de Alan Sillitoe (adaptado do seu conto homónimo)

com Michael Redgrave, Tom Courtenay, Avis Bunnage, Alec McCowen, James Bolam

Cópia Digital Restaurada | Legendado em português | Reino Unido | 1962 | 1h44 | P&B | M/12

Prémios BAFTA 1963 - Melhor Actor Promessa (Tom Courtenay)

Adaptação do conto de Alan Sillitoe – um dos chamados “angry young men” na década de cinquenta, cujo primeiro romance *Saturday Night and Sunday Morning* foi também adaptado ao cinema durante a nova vaga inglesa – sobre Colin Smith, um jovem rebelde da classe trabalhadora institucionalizado num reformatório (os famosos borstals), onde ganha privilégios à conta da sua aptidão para correr maratonas. Durante as suas corridas solitárias, Smith reflecte sobre o seu passado e a sua actual condição, representando assim o isolamento generalizado para que a classe trabalhadora fora relegada – um retrato da raiva e do desespero sentido nas cidades industriais até aos dias de hoje. Este tipo de preocupação e consciência social faz de *The Loneliness of the Long Distance Runner* um dos mais célebres exemplares da nova vaga do cinema inglês, dando assim continuidade ao movimento do Free Cinema fundado por documentaristas britânicos nos anos cinquenta.



## The Loneliness of the Long Distance Runner, por John Oliver<sup>1</sup>

Em 1957, Lindsay Anderson descreveu o cinema britânico dos anos 50 como “pretensioso, anti-inteligente, emocionalmente reprimido, com uma cegueira intencional em relação às condições e aos problemas do presente... dedicado a uma ideia de nacionalismo fora de prazo e vazia”. Mas a salvação estava ao virar da esquina. A partir de 1959 com o filme *Look Back in Anger*, jovens cineastas (entre eles, Anderson) realizaram uma série longas metragens que, através de uma análise realista dos estilos de vida da *working class*, se tornaram uma força revitalizante do cinema britânico. Aclamados pelos críticos, os filmes seriam baptizados de Nova Vaga Inglesa. No entanto, quando se estreia em 1962, *The Loneliness of the Long Distance Runner* depara-se com reacções hostis e injustas por parte da crítica, marcando um ponto disruptivo na aceitação da Nova Vaga pela crítica.

As primeiras duas longas de Tony Richardson, *Look Back in Anger* e *The Entertainer*, foram produções, predominantemente, de estúdio, com grandes estrelas, e, conseqüentemente, falharam a replicar o realismo da sua curta *Momma Don't Allow*, que não era de ficção, ou dos outros filmes do movimento *Free Cinema*. Em entrevista à *Film Quarterly* em 1960, Tony Richardson explica o desejo que nutria pelo realismo:

“Eu detesto estúdios. Já nem sequer quero filmar interiores em estúdio. Preferia trabalhar em condições com os limites que o terreno nos impõe. Para o tipo de filmes realistas que quero fazer: se improvisarmos os caminhos para escapar às impossibilidades das condições reais conseguimos algo no ecrã que é, de certa forma, mais verdadeiro do que aquilo que é concebido num set.”

Richardson alcançou finalmente o seu objectivo com *A Taste of Honey*, filmado inteiramente no terreno. E repetiu a experiência com o seu filme seguinte, *The Loneliness of the Long Distance Runner*, usando grande parte da equipa de rodagem de *A Taste of Honey*.

Depois do sucesso de *Saturday Night, Sunday Morning*, baseado no romance de Alan Sillitoe, Richardson, que produziu o filme, regressou a uma outra obra de Sillitoe como fonte de pesquisa. *The Loneliness of the Long Distance Runner*, um monólogo mordaz de um jovem da *working class* contra a autoridade, publicado numa colecção de contos em 1959, recebeu grandes aplausos. (...)

Descobria-se um novo grande talento, Tom Courtenay, que faria a sua estreia em cinema com este filme. Courtenay já se tinha estreado em palco, em 1960, na produção *The Seagull* com a companhia Old Vic. Foi aqui que Richardson (que já planeava filmar o conto de Sillitoe) o viu pela primeira vez e decidiu que ele seria perfeito para o papel de Colin Smith. Claramente o facto de ser um jovem actor com talento, aliado à sua aparência (...), fizeram de Courtenay a escolha ideal para desempenhar a personagem “alta e magricelas” descrita por Sillitoe na sua estória original. Com um desempenho colossal, Courtenay tornou-se num dos jovens mais brilhantes do cinema britânico, sendo consagrado pelos BAFTA e os Variety Club of Great Britain com os prémios de Melhor Actor Promessa.

Segundo Walter Lasslly, foram precisos dez anos para o filme ter lucro. Richardson, talvez consciente da mudança iminente, fez de seguida *Tom Jones* (1963) (...). Ainda assim, *The Loneliness of the Long Distance Runner* continuou a ser, no conjunto dos filmes que realizou, um dos seus preferidos, o que é compreensível. Tão poderoso hoje como fora em 1962, *The Loneliness of the Long Distance Runner* não é apenas um dos mais ilustres filmes da Nova Vaga Inglesa, mas também um dos mais esplêndidos filmes britânicos da década.

<sup>1</sup> John Oliver foi curador, programador e arquivista do BFI National Film Archive

## Life at the Kitchen Sink [excerto]

A recepção de *The Loneliness of the Long Distance Runner* marca uma mudança crítica em relação ao realismo, se bem que, ironicamente, no que diz respeito ao estilo e até ao conteúdo, o filme pode ser visto como o primeiro dos filmes dos *Swinging Sixties*. É sem dúvida uma magistral obra-prima, e há alguma justificação para a irritação da crítica em relação aos planos rodopiantes dos topos das árvores, a montagem desajeitada de algumas seqüências e uma banda sonora persistentíssima. Mas algumas das experiências de Lassally e de Richardson são maravilhosamente eficazes – a corrida madrugadora de Colin, que atravessa o horizonte com uma lua prestes a dissipar-se num canto do enquadramento até ao nascer do sol noutra canto do enquadramento; a fusão do plano da praia de Skegness, onde Colin passa um interlúdio ventoso de imensa felicidade, que se dissolve no plano dos terrenos pantanosos onde ele treina; a seqüência depois do funeral onde Colin vai da sala até ao quarto (a casa é um *bungalow* pré-fabricado), olha para a cama onde o pai falecera, e queima uma das notas que a mãe lhe dera da indemnização, como oferenda pelo sacrifício aos mortos.



Na estória de Sillitoe, Colin Smith é parecido com Arthur Seaton, mas ainda mais nihilista na sua criminosa alienação da sociedade. Tal como Tom Courtenay o interpreta no filme, Colin persegue uma revolta mais racional e ponderada. Como era de esperar, alguns críticos reclamaram que a personagem de Colin tinha sido politizada, considerando pouco credível que um jovem da classe operária fosse capaz de pensar racionalmente questões políticas. De facto, o Colin de Courtenay era um prodígio do futuro, um precursor ficcional dos inteligentes rebeldes proletários que flirtaram com o trotskismo no final dos anos 60 e início dos anos 70.



*The Loneliness of the Long Distance Runner* partilha com *A Taste of Honey* uma casualidade que lhes permite lidar com temas emotivos sem se tornarem sentimentais, e uma variedade de personagens vividas e idiossincráticas. O desempenho de Courtenay foi elogiado até nas críticas mais hostis, mas também se dá vida às personagens secundárias – que praticamente não existem por si próprias na estória de Sillitoe – com fulgor. No entanto, a força do filme não provém dos desempenhos virtuosos, mas da sua autenticidade e honestidade emocional. Deste modo, o Borstal<sup>2</sup> e os que ali vivem – o alpendre sombrio onde os rapazes estavam de pé em fila a desmontar máscaras de gás, a caricatura de um governador e um novo tipo de guarda prisional “progressista” – captam a aura de autobiografias criminais como *Low Life* de Mark Benney e *Bang to Rights* de Frank Norman. A casa exígua gerida por uma mãe tenaz que pertence à classe operária (personagem desempenhada por Avis Bunnage) – tão determinada quanto Artur Seaton para não ir para “debaixo da terra” e tão hostil como o seu filho em relação à polícia e aos patrões – tem uma falta de asseio que reflecte o desinteresse de Colin pelo mundo material. As cenas com as raparigas – a boleia no ford roubado, a viagem a Skegness (...) – são exemplares no que diz respeito ao desenho de situações e relações que conferem densidade e subtilidade à personagem de Colin.

(...)

[Raymond Durgnat argumenta que] Tal como Shakespeare e Dickens, Richardson “acumula [na sua obra], em todos os contextos, todos os detalhes densos, líricos, corpulentos e enriquecedores que consegue”. (...) Mas o que realmente *The Loneliness of the Long Distance Runner* tem em comum com os restantes filmes de Richardson é uma sinceridade que exige respeito.

Robert Murphy, in *Sixties British Cinema* (ed. BFI, Londres, 1992)

<sup>2</sup> Em Inglaterra, o termo “borstal” era utilizado no passado para referir uma espécie de centro de detenção, um reformatório para jovens delinquentes que não tinham idade para serem detidos nas prisões comuns.